

HOMENAGEM MINISTRO AYRES BRITTO

- MEDALHA MONTEZUMA -

*Ilustríssima Senhora Presidenta, Rita Cortês,
Excelentíssimas e Ilustríssimas autoridades presentes,
Meus diletos confrades e diletas confreiras,
Excelentíssimo Sr. Ministro – de Ontem – Carlos Ayres
Britto,*

*Carlos Ayres Britto:
sobre o ontem e um amanhã*

Em 1942, Carlos Drummond de Andrade, na coletânea Poesias, publicou “José” – quiçá um de seus poemas mais conhecidos.

Nele o poeta fala sobre o sentimento de solidão e abandono do indivíduo na cidade grande, a falta de esperança e a sensação de que está perdido na vida, sem saber que caminho tomar.

Em 1992, ainda falando sobre José, João Nogueira, interpelou Drummond na canção “E agora, Drummond?”, que assim dizia:

E agora, Drummond?

Que será de José?

Que ficou sem tostão, que perdeu sua fé

Que não tem mais prazer

Que deixou de brigar

Que rendeu-se ao poder

Que não quer protestar, sua raiva murchou

Não tem gana mais, não

A esperança acabou

E agora, Drummond?

Está sem trabalho, está sem dinheiro

Está sem amigo e sem paradeiro

Só tẽ desespero, miséria, abandono

Os mesmos senhores na terra sem-dono

Não tẽ a mudança

Sonhar foi em vão

José já se cansa

E agora, Drummond?

Se você voltasse, se você escrevesse

Se você contasse que sofrer é esse

*Se você existisse e se denunciasse
Se José pudesse ver a sua face*

*Mas você foi embora
Que tristeza, então
Pra José que chora*

E agora, Drummond?

*Sozinho ele roda na roda do mundo
Atrás da utopia jogada no fundo
Não viu alegria, a justiça não veio
E o destino do povo parado no meio*

*José chama o povo
Ninguém lhe responde
Mas ele ainda marcha*

*Drummond, para onde?
(E agora, Drummond?)*

Coincidentemente, no mesmo ano em nasceu o José de Drummond, em 18 de novembro, em Propriá, nascia também **Carlos Ayres Britto**.

Autor de tantas obras tais como “O Humanismo como categoria constitucional” (2003).

Como jurista, no rigor da ciência, Ayres Britto nos diz que, entre as vertentes procedimentalista e

substancialista, o humanismo se espraia em uma democracia fraternal. Cabendo ao Poder Judiciário, em última análise, garantir a plena eficácia do humanismo enquanto categoria jurídica.

De outro lado, como literato e poeta, nos ensinou que sentença vem do verbo “sentir”.

José Roberto Dromi fala de um “*Constitucionalismo do Futuro*” (“*El Constitucionalismo del ‘por-venir’*”), lembrando que são elementos essenciais para as novas constituições a verdade, a solidariedade, a universalidade dos direitos fundamentais, a maior participação da sociedade nas diretrizes políticas e na elaboração de políticas públicas, a continuidade, o consenso e a integração.

De sua parte, Ayres Britto não nos deixa esquecer que sentença vem do verbo “sentir”.

A doutrina de um modo geral ainda relega à fraternidade ao que seria uma terceira dimensão dos direitos fundamentais.

Algo mais diretamente ligado ao Direito Ambiental. Nesse sentido muito pouco palpável no ordenamento jurídico atual.

Lado outro, para Ayres Britto, ser doutrinador e pensador é também ser “esperançador” de um constitucionalismo fraternal.

Enquanto ocupante de uma das onze cadeiras do Supremo Tribunal Federal, Vossa Excelência contribuiu com grandes debates relativos às cotas raciais, à união de pessoas do mesmo sexo, à utilização de células-tronco embrionárias para pesquisa e tratamento de doenças degenerativas, à demarcação de terras indígenas – no emblemático caso Raposa Serra do Sol.

Em todos deixou sua marca de constitucionalista humanista, afirmando a fraternidade como princípio. E sem deixar de lembrar que, ao final, sentença também é sentir.

Cotas, direitos de pessoas lgbs, terras indígenas, bioética, progresso da ciência...

Nenhuma dessas ou daquelas decisões resolveu as grandes questões que ainda se colocam como estruturais em um país erguido sob o sangue negro, a subjugação das mulheres, o suor da classe trabalhadora e a espoliação das terras indígenas.

Mas contribuíram muito!

Contribuíram tanto que até chegamos a acreditar que a democracia seria inabalável. E que a nós, na atual quadra, restaria, no máximo, participar de calorosos (e instigantes) debates acadêmicos, judiciais ou das forças vivas da sociedade tão

somente sobre a velocidade da realização das promessas constitucionais.

Mas, como estamos a ver, não foi esse o rumo da história...

Ao longo dos últimos anos fomos descobrindo que a democracia, para muitos e muitas, não é um valor.

Sequer, em uma visão muito reduzida de sua potencialidade, um regime de governo.

E é justamente isso que o que se está a julgar em nossa Corte Constitucional neste exato momento demonstra.

Sem a pena de Drummond. Sem a voz de João Nogueira. Ouso, então perguntar eu:

E agora, Ayres Britto?

Nossa festa acabou? Para onde marchar?

Será que a pesquisa de cura para doenças crônicas, a proibição do nepotismo, o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo, ou a proibição de uso de algemas ficaram no passado?

Onde está o sentir?

Onde foi parar a fraternidade?

Assim como João Nogueira não esperava que Drummond o respondesse, também eu não espero que Ayres Britto me responda.

Na verdade, sabemos todos e todas que, tal como já cantou Beto Guedes, devemos mais uma vez acreditar na primavera...

*Quando entrar setembro
E a boa nova andar nos campos
Quero ver brotar o perdão
Onde a gente plantou juntos outra vez*

*Já sonhamos juntos
Semeando as canções no vento
Quero ver crescer nossa voz
No que falta sonhar*

De todas as designações para o cargo de quem deixa o Tribunal Supremo – ex-Ministro, Ministro aposentado etc. – a que mais faz “sentir” é aquela que faz lembrar o tempo:

“Ministro de Ontem”. Ah... a beleza do ontem...

O ontem nos remete aos e às ancestrais, aos e às que vieram antes de nós, à profunda sabedoria e simplicidade dos pretos velhos e das pretas velhas.

Faz lembrar as lutas camponesas, os cartazes das mulheres nas ruas dizendo “quem ama não mata”, o

movimento operário, a UNE, Chico Mendes, Cacique Raoni, Betinho, Margarida Alves...

O ontem me faz pensar e “sentir” que Vossa Excelência, jurista e poeta que é, paradoxalmente quebrou a linha do tempo ao ser a história viva de um ontem que queremos no amanhã.

Daí porque, no hoje, ser uma honra para o IAB homenageá-lo com a medalha Montezuma.

Muito obrigada!

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2025, por ocasião da entrega da Medalha Montezuma ao Ministro Carlos Ayres Britto.


Soraia da Rosa Mendes
Oradora Oficial